

# Curso forma aluno contra bullying



marlene bergamo@oi.com.br

■ Estudantes treinados na **Unicamp** e na Unesp para combater bullying; intervenção de jovens é mais eficaz que a de adultos

A5

# Projeto treina estudantes contra bullying em colégios

Marlene Bergamo/Folhapress



**Desde 2015, as Equipes de Ajuda apostam no sistema de apoio entre os próprios alunos**

Um projeto antibullying está formando alunos para intervir e lidar com bullying em suas escolas. Chamado de Equipes de Ajuda, o programa foi implementado desde 2015 em 11 escolas públicas e privadas, em quatro cidades do Estado de São Paulo, além da capital.

Coordenado pelo Gepem (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Moral), da Unicamp e Unesp, as Equipes de Ajuda foram inspiradas em um modelo espanhol e finlandês e apostam no sistema de apoio entre os próprios alunos.

"Pesquisas mostram que a intervenção dos alunos é 75% mais eficaz do que a de um adulto em casos de bullying. Quando um aluno fala: 'Para, a pessoa não está gostando', o agressor tende a ouvir", diz uma das pesquisadoras do Gepem, a doutora em educação Telma Vinha.

Em cada escola, a Equipe

de Ajuda é formada por alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental. Os participantes, geralmente três por sala, são eleitos pelos próprios estudantes segundo critérios de confiabilidade.

"Os alunos votam em colegas para quem contariam um segredo. Com isso incentivamos o valor da confiança, do respeito, ao contrário da necessidade de ser popular ou ter poder", diz a doutora em psicologia e pesquisadora do Gepem Luciene Tognetta, mentora do projeto no Brasil.

Em todos os projetos, a equipe passa por uma formação e segue sob orientação em reuniões periódicas, conduzidas por um profissional da escola e um do Gepem. Para os encontros, há uma apostila com exercícios práticos. Da mesma forma, professores e coordenadores da escola participam de uma formação de cerca de 100 horas. O projeto é pago pelas escolas, quando são privadas, ou por prefeituras parceiras do projeto.

O objetivo é que a Equipe de Ajuda sirva como multiplicadora e contribua para mudar a cultura escolar. (FSP)

Alunos que integram as Equipes de Ajuda em escola de Campinas; estudantes do 6º ao 9º ano do ensino fundamental foram indicados pelos próprios colegas para lidar e intervir em caso de bullying na escola

## Equipes de apoio ajudam em casos graves de racismo e suicídio

As chamadas Equipes de Ajuda do projeto antibullying, além de apoiar as vítimas de humilhações, podem trabalhar com os agressores e até mesmo agir em casos graves, como racismo, automutilação e suicídio.

Em ao menos duas escolas públicas paulistas, em Campinas e Paulínia, alunos fize-

ram ações para lidar com esses temas. Os nomes das insinuações e dos estudantes foram omitidos para preservar a identidade das vítimas e o princípio de confidencialidade do projeto.

Em uma escola na periferia de Campinas, com maioria de alunos negros, a equipe se deparou com bullying por

racismo. Após reunião com os coordenadores, decidiram fazer atividades na semana da Consciência Negra e conversaram com os agressores. A equipe identificou cerca de dez meninos que costumavam ter atitudes racistas e os convidou para uma reunião.

Fora o racismo, a Equipe de Ajuda também atuou em ca-

sos de automutilação e suicídio. Das sete meninas entrevistadas pela reportagem nessa escola, três já tinham se cortado. Por terem passado por isso, elas sabem reconhecer os sinais. É comum os alunos afirmarem que a experiência teve reflexos em casa e nos relacionamentos com a família. (FSP)

## Escola teve redução de agressões após projeto

Uma pesquisa do Gepem com cerca de 200 alunos de uma escola municipal de Campinas mostrou que nove entre 20 tipos de agressões tiveram redução significativa após seis meses de projeto.

"A convivência na escola precisa ser planejada, assim como o projeto político-pedagógico. Se não mudar os valores, o aluno vai ser o

adulto que bate na mulher ou o chefe opressor", diz a pesquisadora Telma Vinha.

A experiência dos estudantes que participam do programa reforça a tese dos pesquisadores do Gepem de que o projeto é parte de um processo lento de transformação da escola e dos alunos, que levam os conhecimentos para a vida. (FSP)